

O VOO DO URUBU SOBRE PANORAMA/SP

Possibilidades estéticas e éticas de deriva

Murilo Corte Thihara¹

Voar aqui se opõe ao “voo” da visão dos urbanistas modernistas e seus grandes planos de avenidas e setorizações. Em vez disso, fundamenta-se nas práticas situacionistas e propõe novas formas de vivência urbana, incentivando a experimentação e a transformação do espaço por meio da experiência direta. Em contraste com a racionalidade maquínica moderna esse voo se constrói a partir de um olhar atento, de um corpo presente e intenso, em contato direto com o espaço e com os múltiplos corpos que o habitam — humanos, vegetais, animais e outros (Fig. 1).

Esse ensaio e montagens partem dos registros feitos em derivas no terminal intermodal de Panorama-SP, um complexo patrimonial composto pela estação ferroviária, trilhos, pátio de manobras, portos, armazéns e cais. Essa pesquisa, ainda em andamento, busca se orientar sobre essas práticas éticas e estéticas de ocupar o espaço e de se pensar o patrimônio ferroviário, a paisagem e a memória de Panorama. Hoje, todos esses espaços se encontram “abandonados” pelo desmonte das operações, resultado das mudanças na prioridade do modal de transportes pela política econômica adotada pelo país e o consequente abandono funcional do terminal. Contudo, seu abandono não é apenas uma consequência da obsolescência ou da decadência urbana, mas também uma construção estética e simbólica que reflete a tensão entre o uso e a resistência ao controle, entre o espaço funcional e o não determinado.

Trecho da deriva de 08/01/2025:

“...vim caminhando da antiga estação até as ferragens, onde decidi ficar. A brisa era fresca, e o cansaço me fez sentar sobre os vergalhões sobre o rio, “as ferragens”. Ali, observei alguns pássaros mergulhando em busca de peixe, como eram habilidosos eu pensei, enquanto os aguapés e outras plantas boiavam à deriva, dançando sobre as ondas agitadas. O tempo se fechava, o vento começava a esfriar. Na beira do rio, o céu prometia chuva. Olhei para o grande descampado onde um dia passaram trilhos — agora inexistentes — e vi os urubus planando. Subiam e desciam, dividindo o céu com uns carcarás, leves, soltos, indiferentes ao peso da paisagem esquecida. O vento engrossou, e a chuva parecia iminente. Um casal de bem-te-vis fazia ninho entre as ferragens, indeciso entre temer minha presença ou as rajadas de vento que ameaçavam seu trabalho. Já os urubus e carcarás não se importavam comigo, passei um bom tempo em sua companhia, os observando de um distância que considere segura para ambos, enquanto subiam e desciam os céus, o vento aumentava, as árvores balançavam, procuravam algo no horizonte? Seguiram adiante, agora sobre um extenso matagal que se formava sobre o campo onde antes era um espaço de trilhos e máquinas. Um pingou caiu sobre minha pele, depois outro. Corri para o carro, e logo a chuva desabou, intensa, mas breve. Meus amigos urubus — engraçado chamá-los assim — sumiram da vista. Quando a tempestade amansou e o sol voltou a se abrir, saí novamente. O campo, antes seco, agora reluzia. As folhas e os caules, cobertos de gotas cintilantes, desenhavam um novo cenário, mais pulsante, imagino que até mais

vivo” (Fiog. 2)

O Voar, aqui ilustrado pelo urubu, retoma esses espaços. As deriva e os registros acompanharam esses animais, como “stalker” sobre esses territórios, os quais nunca foram abandonados. Os corpos humanos podem ter sido excluídos, afastados e até repelidos, mas o voo do urubu permaneceu, em plena sincronia com o espaço.

Observar e nortear-se pelo voo do urubu ultrapassa o tocar o solo do caminhar, é mais, toca uma infinidade de fluxos e potências. É ser conduzido e conduzir-se, há troca - corpo humano, animal e vento se entrelaçam, dissolvem-se e se reconstroem, corporificados e descoporificados. Percorre a paisagem e alça seu voo levado pelos ventos sem destino, imagem ou função a ser tomada, não busca primordialmente se alimentar, procriar ou abrigo, busca no espaço essas interações e cultiva seu voo, constrói e reconstrói territórios.

O voo do urubu é um convite à deriva — um exercício de entrega ao espaço, de perceber os territórios para além de sua funcionalidade imposta. Esse voo, tantas vezes ignorado ou rejeitado, ensina sobre a ocupação silenciosa e persistente desses lugares. O urubu não apenas sobrevive, mas desenha no céu novas formas de estar e de habitar. Seu voo não se prende a rotas fixas nem a propósitos imediatos; ele experimenta, dança com os ventos, se inscreve na paisagem sem dominá-la. Seguir seu movimento é aprender a olhar de outra maneira, a perceber naquilo que foi descartado a potência de outros usos, outros ritmos, outras existências (Fig. 3).

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Presidente Prudente. Atualmente, participa do grupo de pesquisa em Projeto, Arquitetura e Cidade- Núcleo de Estudos em Patrimônio e Projeto(NEPP) trabalhando com temas ligados a patrimônio, paisagem e cidade.



Figura 1 - Fotografias, Panorama-SP, 08/01/2025. Fonte: do Autor.



Figura 2 - Cartografia: voos. Fonte: do Autor



Figura 3 - Cartografia. Fonte: do Autor.